



Um mês e pouco atrás, registrei aqui o disco de estreia da cantora e compositora gaúcha Carolinne Caramão, dedicado à música e à religiosidade afro-brasileiras. Ela daria ainda mais força à coluna de hoje, que por algum desígnio dos orixás reúne os trabalhos de três mulheres com foco na mesma temática: a catarinense Ana Paula da Silva, a baiana Clécia Queiroz e a paulista Serena Assumpção.

A letra de *Raiz forte*, música que dá título ao sexto álbum de Ana Paula Silva, poderia resumir essa história: “Sou cantadora, canto a dor, canto a terra, canto o homem, canto a flor/ De vó curandeira, rezadeira, macumbeira, lavadeira, filha, neta, Iô Sô/ Venho de longe, do sul e do norte/ Minha terra é forte, sou raiz desse chão/ Batizada no tambor”. Com samba, ijexá e outros ritmos de descendência africana, é um trabalho de pura felicidade musical feito por um grupo pequeno mas efficientíssimo. Além de compor com segurança e inspiração, e de cantar lindamente, Ana Paula toca um violão de gente grande, muito rítmico e preciso. Ao lado dela estão o lendário Robertinho Silva na percussão e os não menos ótimos Davi Sartori no piano e Willian Goe na bateria e percussão.

Pela unidade e a respiração perfeita do roteiro, *Raiz forte* é um daqueles discos em que fica difícil destacar-se faixas. As anotações que fiz mencionam, por exemplo, o colorido com matizes quase folclóricos de algumas melodias. Este é o mais autoral dos trabalhos de Ana Paula. Das 14 faixas, apenas quatro não levam as assinaturas dela e parceiros, entre elas o ijexá *Coco* (Chico Saraiva/Kiko Dinucci) e o clássico *Casamiento de negros* (Violeta Parra). Em sua *Canto da cigarra*, ela se define: “Sou do sul, vim sambar, vim pra cantar, sou do negro, do canto de um lu-



MADIA MEISTER, DIVULGAÇÃO

gar/ Sou Obá, sou filha de Oxalá, meu Orum, minha terra e meu lar”. Não entendo por que Ana Paula não é mais conhecida nacionalmente. Hoje e amanhã ela faz em sua cidade, Joinville, o show de gravação do primeiro DVD, marcando 20 anos de carreira.

Também atriz e dançarina (com mestrado nos Estados Unidos), Clécia Queiroz é respeitada pesquisadora do universo afro-baiano e uma das cantoras mais conhecidas de Salvador, mas parece não se importar muito em fazer discos. Lançou o primeiro em 1997, o segundo 13 anos depois e só agora sai o terceiro, *Quintais*. Tudo bem,



MANU DIAS, DIVULGAÇÃO

a gente espera porque vale a pena. Desta vez, partindo das tradições do Recôncavo Baiano, ela reúne uma seleção de ritmos altamente dançantes com um espírito central de negritude, festa e religiosidade. A partir do samba, do samba-de-roda, do ijexá, o universo rítmico avança (ou retrocede) para gêneros ancestrais como o jongo, o maxixe, a chula, os toques rituais ilú e vissungo. Roque Ferreira, um dos compositores mais identificados com essas tradições, é presença forte no trabalho.

Roque já foi gravado por dezenas de intérpretes famosos, de Bethânia a Zeca Pagodinho, mas



ALEXANDRE KUWA, DIVULGAÇÃO

na voz aberta de Clécia fica outra coisa porque ela sabe brincar, como se vê no samba-de-roda *Amurê*. Também dele é a lírica *Nobreza*, raro momento de canção lenta, um quase choro. Mas as palmas e os coros estão presentes em vários arranjos, passando mesmo a sensação de roda de amigos no quintal. No meio e no fim do álbum, momentos marcantes com o medley *Homenagem a Oxum* (que tem entre os autores a paranaense Dona Su de Oyá) e o medley *Samba de roda*, neste caso com músicas de domínio público. O projeto do disco é de Clécia e seu sobrinho, o músico e historiador Vitor Quei-

roz. Na produção musical e nos arranjos, Dudu Reis e Sebastian Motini, músico sueco apaixonado pelos ritmos brasileiros.

Já a carga de emoção embutida em *Ascensão*, primeiro e derradeiro álbum de Serena Assumpção, é indescritível. Ela morreu em março passado, de câncer, aos 39 anos, antes de ver o disco físico. Filha de Itamar Assumpção (1949 – 2003), formada em Letras e Sociologia, dedicada mais a promover a obra do pai do que a própria carreira musical, Serena deu início ao trabalho em 2009, quando recebeu do Terreiro Ilê de Pai Dessemi de Odé, que frequentava desde 2003, a missão de registrar cantos de orixás. E começou a trabalhar, com a parceria de Gilberto Martins nas composições e Pipo Pegoraro na produção, convocando cerca de 50 músicos e cantores para compartilhar a tarefa, de resultado impactante. Trata-se de um trabalho único, destinado a permanecer como referência, tanto para o candomblé como para a música brasileira.

Os cantos a Exu (que abre o álbum), Ogum, Oxumaré, Xangô, Iansã, Oxum, Iemanjá, Iroko, Nanã, Obaluaí e Oxalá, se completam com uma reza tradicional do Congo (ex-Zaire). Traçando uma história paralela, cada canto é dedicado a personalidades como João da Baiana, Caymmi, Luz del Fuego, Nina Simone, Madame Satã, Mãe Menininha do Gantois, Elis Regina, Gandhi, Clementina de Jesus, Clara Nunes, Villa-Lobos. Serena é presença sólida no álbum, embora sua voz não se ouça em todas as canções. A lista de convidados impressiona, de Tiganá Santana ao grupo congolês Source de Vie, passando por Karina Buhr, Tulipa Ruiz, Tatá Aeroplano, Curumin, Moreno Veloso, Juçara Marçal, Kiko Dinucci, Tetê Espíndola, Simone Sou, Mariana Aydar, Filipe Catto, a mana Anelis Assumpção. Uma herança magnífica.



RAIZ FORTE
De Ana Paula da Silva
Crioula Brasil/
Tratore, R\$ 25 e disponível nas plataformas digitais.



QUINTAIS
De Clécia Queiroz
Independente,
R\$ 27, à venda em clenciaqueiroz.com.



ASCENSÃO
De Serena Assumpção
Selo Sesc SP, R\$ 20, à venda nas unidades do Sesc e em sescsp.org.br/livraria.

Vovô Vitor em Buenos Aires, papai Ian na estrada

No dia 28 de setembro de 1985, escrevi uma nota na coluna em ZH: “Dia 3 nasceu o Ian, filho do Vitor Ramil e da Ana, Virgem ascendente Virgem. Assim que o guri crescer mais um pouco, eles vão embora pro Rio de Janeiro”. De Buenos Aires, onde está dando início às gravações do 11º álbum, Vitor acaba de me contar que vai ser avô – Ian e Laura esperam uma menina para novembro. “Que instrumento ela vai querer tocar?”, adianta-se Vitor entre parênteses. Faz sentido, pois o DNA musical dos Ramil parece inesgotável. O nascimento deverá mais ou menos coincidir com a conclusão do disco do vô. A menina

ainda não tem nome; o álbum já tem um, provisório, *Campos neutrais*.

Em Buenos Aires Vitor está gravando os violões de Carlos Moscardini e as percussões de Santiago Vazquez, parceiros de fé. Tudo o mais será feito em estúdios de Porto Alegre – por incrível que pareça, será o primeiro disco dele gravado na capital gaúcha. De cerca de 20 canções, ele selecionou 14. Não quer antecipar o espírito do trabalho, a não ser que terá arranjos para quinteto de sopros e muita diversidade, “uma mistura de gente de muitos lados, de línguas e linguagens”. Entre as parcerias estão a poeta pelotense

Angélica Freitas, Zeca Baleiro, Chico César, o poeta paraense Joãozinho Gomes e o poeta português António Boto. Vitor também fez duas versões, para uma música de Bob Dylan e outra do compositor galego Xael Lopez.

E Ian Ramil, enquanto festeja a futura paternidade, segue na estrada com a turnê do disco *Derivacivilização*. No dia de seu aniversário, 3 de setembro, vai se apresentar na cidade mineira de Milton Nascimento, Três Pontas. Depois fará dois shows em Belo Horizonte e dois no Rio de Janeiro, fechando esta parte da turnê dia 8 em São Paulo, no Teatro do Itá Cultural.



CLAUDIO MENEGHETTI, STUDIO ME, DIVULGAÇÃO